

Estética e Modernidade: urbanização cultural em Santa Catarina

Larissa Chagas Daniel
larissachagasdaniel@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

FLORES, Maria B. R.; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.). *A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 480.

Na escolha de uma leitura que abordasse aspectos da história de Santa Catarina, abre-se um leque de opções, mas tendemos sempre a embrenharmo-nos por caminhos já conhecidos. Optamos por aquilo que nos encanta, por desejarmos uma leitura prazerosa. O caminho percorrido corresponde à leitura e análise da obra *A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*, organizada por Maria Bernardete Ramos Flores, Luciene Lehmkuhl e Vera Colaço. Este livro compõe-se de 18 capítulos os quais são resultado de pesquisas de mestrado, doutorado e trabalhos de conclusão de curso. Exceto os textos de Rosangela Miranda Cherem e Cynthia Machado Campos, capítulos 17 e 18 respectivamente. Inseridos no espaço e tempo, que recobre a Santa Catarina de meados do séc. XIX ao fim do séc. XX, as temáticas exploradas correspondem a diversas expressões artísticas como teatro, poesia, cinema, artes plásticas, literatura, moda, música, fotografia. Porém o que reúne estas temáticas nesta obra é a discussão dos conceitos estética e modernidade, debate este recorrente naquilo que tange a arte.

Ao lançarem-se na pesquisa artística, Maria Bernardete Ramos Flores, Luciene Lehmkuhl e Vera Colaço nos brindam com a organização precisa de tal obra, esta que amplia conceitos e imagens da arte catarinense. Maria Bernardete Ramos Flores é atualmente professora titular em História Cultural do Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Catarina, Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem publicadas as obras *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções, Tecnologia e estética do racismo - ciência e arte na política da beleza*, entre outras. Luciene Lehmkuhl é professora do Departamento de História, da Universidade Federal de Uberlândia (MG); graduada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina; graduada, mestre e doutora em história pela Universidade Federal de Santa Catarina. Suas pesquisas sempre estiveram atreladas a História Cultural, com ênfase nos seguintes temas: artes, história, museu, exposições, modernidade, e outros. Vera Regina Martins



Collaço além da carreira artística no teatro, hoje atua como professora do Departamento de Artes Cênicas, no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre em Teatro e Cinema, Universidade de São Paulo, e doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

As organizadoras detiveram-se na leitura, seleção e escrita da obra. Na introdução (capítulo 1) de autoria de Maria Bernardete Ramos Flores, além de apresentar-nos cada capítulo de forma muito singular e resumida, esclarece-nos a apreensão dos conceitos de estética e modernidade. O primeiro como campo de estudo onde observamos, compreendemos e reconhecemos a subjetivação do mundo, propriedade esta do moderno; e o segundo como o que corresponde aos tempos modernos, este caracterizado pela erosão da tradição e advento da técnica¹. Também especifica a modernidade brasileira em dois momentos, no fim do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX como uma modernidade identificada aos valores europeus, pautada na ordem e no progresso; e nas décadas de 40 e 50 do séc. XX afirma-nos uma modernidade que valoriza os aspectos locais, impulsionada pelo nacionalismo já decorrente de políticas de meados da década de 1930. Ao finalizar este capítulo introdutório somos conduzidos ao mundo da leitura das imagens sob a ótica da história cultural, tendência originada da inserção na história de novos objetos, problemas e abordagens isto em 1974, pelos historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora.²

Todos os capítulos seguintes, que serão brevemente apresentados, não correspondendo a ordem cronológica do livro, inserem-se no debate dos conceitos de estética e modernidade, a partir da pesquisa de personagens, monumentos, obras (arquitetônicas, literárias, plásticas), ou mesmo de aspectos característicos da história catarinense. O segundo capítulo intitulado *Edifício das Diretorias: a arquitetura da modernidade*, de autoria de Eloah Rocha Monteiro de Castro, consiste na análise do Edifício das Diretorias, obra inaugurada em 1961 em Florianópolis, como parte da política de urbanização e verticalização desta cidade, nas décadas de 40 a 60. Ao contextualizar o objeto analisado, a autora o define como monumento e documento, no sentido

¹ FLORES, Maria B. R. Estética e Modernidade: à guisa de introdução. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). *A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 13 e 15.

² Idem, p. 35.



proposto por Le Goff, da obra como determinante do poder de um grupo³, neste caso objetiva-se a afirmação de Florianópolis como capital do Estado. Também foram analisados os conceitos arquitetônicos empregados na composição da mesma, o principal deles o funcionalismo, o qual satisfaz a uma ordem estética que une utilidade e beleza e que prioriza materiais que se adaptem as necessidades econômicas e técnicas. Compreendemos neste capítulo a urbanização da cidade, adequada a determinada ordem estética, como parte da modernização desta.

Na ordem desta arquitetura moderna que transforma o espaço de Florianópolis, seguimos com a leitura do capítulo 11, da autoria de Mario César Coelho, com o texto denominado de *A ponte cartão-postal*. Esse texto resgata o processo modernizador da década de 1920, quando além dos preceitos estéticos modernos, nos deparamos com a política da ordem e progresso. A ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, representa o avanço da malha rodoviária, acelera a ligação ilha-continente antes reservada ao transporte marítimo. Na análise realizada pelo autor a ponte significa monumento, objeto que guarda, recorda, é lugar de memória. Na continuação do caminho a percorrer, a seguir com questões da urbanização surge-nos o capítulo 12, *Teatro Trapiche: a arte da resistência*, com tal título, a pergunta é porque este texto insere-se na ótica do urbano? Porque o Teatro Trapiche pretendia resistir a demolição decretada ao trapiche e Bar Miramar, local de sua instalação. Estabelecia-se assim a permanência da construção como local de memória, a imagem de uma cidade portuária. Outro aspecto destacado pela autora do capítulo, Marilange Nonnenmacher, é que o surgimento de mais um espaço cultural proporcionou transformações na dramaturgia local, mas em 1974, somente dois anos após a inauguração do Teatro Trapiche a demolição foi efetivada.

Outro espaço teatral é analisado e abordado no livro. No capítulo 8, de autoria de Vera Collaço, a arte dramática é compreendida como prática pedagógica. Proposta esta difundida pela União Beneficente Operária na década de 1930. O local hoje conhecido como Teatro da UBRO, desenvolvia o teatro com o objetivo de:

- a) criar um espaço social/ urbano para família operaria, espaço de lazer, recreação e sociabilidade; b) criar um espaço para aprendizado e afirmação de valores tidos como positivos para formação do trabalhador, tais como a exaltação da família, do trabalho, civismo e moral cristã; c) promover

³ CASTRO, Eloah R. M. de. Edifício das Diretorias: a arquitetura da modernidade. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). *A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 40.



através do teatro, “o soerguimento intelectual e moral da classe operaria”; e d) por fim, conseguir recursos para ampliar suas ações de beneficência.⁴

Neste caso o operariado gozava dos bens culturais, produzido no interior deste grupo que incorporava os paradigmas da modernidade, na assimilação do sistema capitalista, da organização burguesa e na sua estruturação como classe⁵. Os espetáculos assistidos por um público amplo e participativo condiziam na sua organização com o teatro amador local e nacional, e apesar de encenarem repertório que exaltavam os valores burgueses, a prática deste grupo tem importância na formação do trabalhador e da atividade artística da cidade.

Impulsionada pela iniciativa de personagens ou grupos, como os de teatro já citados, ou mesmo pelas transformações urbanas e sociais, a esfera cultural em Santa Catarina é pouco difundida e valorizada, muitos foram os capítulos que confirmaram esta ideia. Quando adentramos na crítica do campo literário, abordada em cinco capítulos desta obra, somos informados que tardiamente, somente em 1924 foi fundada a Acadêmias Catarinense de Letras que se ancora nos preceitos formais, ditados pela ordem estética parnasiana/realista e prioriza o ritmo. Em contrapartida vê-se surgir o Grupo Sul, ou Circulo de Arte Moderna (CAM) que irá rivalizar com os representantes da academia.

Explorando mais especificamente a literatura, o capítulo 17 de Rosângela Miranda Cherem aponta-nos *Seis questões para pensar a relação entre história e arte*, ou seja, pretende uma análise da obra-de-arte particularmente a literatura na sua relação com a história, inserida no contexto do fim do império e início da república⁶. No primeiro apontamento a obra-de-arte pode representar em sua essência o último suspiro de um modelo cultural, social e político, para isto a autora destaca a pesquisa elaborada pelo historiador Jean Starobinsky sobre a passagem da arte barroca para o rococó⁷, e situa-o entre dois regimes teóricos para pensar a obra artística, o primeiro que a reconhece como *senal* de um acontecimento, como documento expressivo de determinada realidade, e o segundo compreende a obra como *sintoma*, sujeita a interpretação.⁸

⁴ Citação do Estatuto da União Beneficente Recreativa Operaria (1928 e 1949), ver: COLLAÇO, Vera. Um teatro para o trabalhador de Florianópolis. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). Op. cit., p. 214.

⁵ Idem, p. 213.

⁶ CHEREM, Rosângela M. Seis questões para pensar a relação entre historia e arte. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). Op. cit., p. 421.

⁷ Idem, p. 422.

⁸ Idem, p. 424.



Com estas definições a autora propõe uma análise da produção artística brasileira, em específico dois personagens: Cruz e Souza e Luis Delfino, que no contexto já informado, com trajetórias pessoais diferenciadas, ambos os poetas simbolistas adentram com sua obra na nova ordem política e social da então proclamada república.

Na composição das estrofes poéticas na Florianópolis republicana, saudado pelo povo e rejeitado por uma elite atrelada ao discurso modernizante, surge *Trajano Margarida: o Trovador Urbano*. Este texto de Lucésia Pereira (capítulo 9) apresenta-nos o simples personagem, eternizado nos sambas de carnaval das décadas de 1920 e 1930. Trajano Margarida versou o cotidiano da cidade. Outros escritores da literatura catarinense também retrataram a cidade, suas transformações, urbanização, o transeunte, suas necessidades e lutas diárias. Como exemplo nos capítulos 4 e 5, as pesquisadoras Mirian Tesseroli e Joseane Zimmermann, respectivamente retratam a experiência literária de Salim Miguel e Eglê Malheiros, estes também expositores da cultura local em suas obras.

Representantes do modernismo catarinense, integrantes do Grupo Sul, os protagonistas dos textos *Na maçaroca modernista de Salim Miguel: entretecendo história e literatura*, e *Ao sul os desejos na poesia de Eglê Malheiros*, foram responsáveis conjuntamente com outros intelectuais e artistas, como: Antonio Paladino, Cláudio Bousfield Vieira, Aníbal Nunes Pires, Aldo J. Sagaz, Ody Fraga e Silva, Martinho de Haro, Hassis, Meyer Filho; pelas inovações estéticas na arte nas décadas de 1940 a 1960 em Florianópolis. Inovações essas também disseminadas pelo estado catarinense. Eglê Malheiros por sua militância política reivindicava nas suas poesias e textos, possíveis melhorias de vida para o cidadão condenado a pobreza pelo alto custo de vida na capital. Dois são os predicados de sua obra poética a solidão e esperança, que a levará ao sonho, ao desejo de liberdade⁹. Salim Miguel também foi impulsionado por desejos, desde jovem o de escrever¹⁰. Publicou romances, contos, e a sua metaficção historiográfica¹¹ intitulada *A vida breve de Sezefredo da Neves, poeta*. Narrativa esta de uma personagem fictícia que nos confunde “às vezes é o próprio Salim Miguel; às vezes, é figuração do Grupo Sul; às vezes, é personagem que rodeia o grupo. *Sezefredo*, às vezes, é a memória de Salim Miguel”¹² o

⁹ ZIMMERMANN, Joseane. Ao sul os desejos na poesia de Eglê Malheiros. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). Op. cit., p. 135; p. 146.

¹⁰ TESSEROLLI, Mirian. Na maçaroca modernista de Salim Miguel. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). Op. cit., p. 116.

¹¹ Idem, p. 92.

¹² Idem, p. 97.



autor narra pelo medo do esquecimento e constrói o caminho trilhado pelo Grupo Sul, pelo modernismo.

Em outro capítulo, denominado *Ilhas Literárias: a literatura regionalista como prática discursiva*, Salim Miguel também é fonte, com seu romance *Rede* insere-se na literatura regionalista, delimitada nesta pesquisa em três categorias ‘O Homem-Pinheiro’, ‘O Homem da Alma Alemã’ e ‘O Homem-Mar’, estas compõe a observação e construção das identidades dos homens da região serrana, do Vale do Itajaí e do litoral. Esta observação atenta a construção de imagens. De identidades dão-se também nas composições plásticas dos artistas catarinenses. A produção destes foi examinada nos capítulos 3, 14, 15 e 16, respectivamente intitulados *Os modernistas da Ilha: obras e exposições do grupo de artistas plásticos de Florianópolis*, de Luciene Lehmkuhl; *Franklin Cascaes e a crítica à modernidade*, de Evandro André de Souza; *Hassis: um tempo cuidadosamente recolhido e organizado*, de Fernando Chiquio Boppré; e *O Universo plástico de Meyer Filho*, de Jacqueline Wildi Lins.

As artes plásticas catarinense estão aqui representadas na produção Franklin Cascaes, Hassis, Meyer Filhos, outros que compõem o GAPF (Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis), e Victor Meirelles especificamente abordado no capítulo 17, de autoria de Cynthia Machado Campos. Exceto Victor Meirelles, os demais artistas comporiam o quadro do modernismo catarinense, uma especificidade na obra destes é a temática local.

Cada produção será examinada em vista de aspectos relevantes. Franklin Cascaes por sua pesquisa minuciosa da cultura local, e a transposição de um saber oral para a sua construção plástica, caracterizada pela representação do mundo matéria (ordem) e mundo mítico (simbólico). Heidy de Assis Correa – Hassis, na sua acumulação de fontes produzindo a “escrita de si”¹³, e na variação de suportes e formas de expressão, realizou séries, murais, quadros, painéis, colagens, esculturas, entre outras. Meyer Filho se insere no modernismo surrealista, com as seguintes temáticas recorrentes em seu trabalho: o galo, o boi-de-mamão, o fundo de quintal, o sideral e o erótico. No outro extremo da produção plástica catarinense, está o representante nacional do neoclassicismo Victor Meirelles, por ora também descrito como romântico. Sua arte figura nos livros didáticos, numa pretensa construção da história brasileira povoada por heróis e fatos marcantes.

¹³ Expressão extraída pelo autor do título do livro da autora Ângela de Castro Gomes, ver: BOPPRÉ, Fernando C. Hassis: um tempo cuidadosamente recolhido e organizado. In.: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). Op. cit., p. 377.



E se a história pode ser interpretada por imagens, a fotografia adentra no universo das fontes. No capítulo 10, conhecemos na escrita de José Henrique Nunes Pires, *Alfredo Baumgarten: fotógrafo e cineasta* que registrou na produção individual de fotografias e filmes a cidade de Blumenau, sua população, mas pouco se conservou deste registro. Todo este aparato técnico, o uso da fotografia e do cinema no registro das cidades, faz parte da modernização e das novas relações sociais e políticas destas. Blumenau além de palco da produção de Alfredo Baumgarten, no cinema e fotografia, foi pioneira da radiodifusão no Estado. No capítulo 6, trata-se de apresentar o rádio em Florianópolis como difusor da cultura local, sob o título *Músicas, Shows e Estrelas no dial: a Rádio Guarujá e a chegada da indústria cultural em Florianópolis* o texto de Aldonei Machado alude ao conceito de indústria cultural, para pensar as relações entre técnica e arte valendo-se das teorias de Theodor Adorno e Walter Benjamin¹⁴.

Nestes tempos modernizantes, de urbanização e transformações estéticas na produção artística, as relações sociais definem-se pela distinção. O consumo é estimulado e se impõe a apropriação do “novo”. Na difusão da prática do consumo transformam-se as atitudes e a “moda” na sociedade. Instituem-se novos modelos sociais, estes exibidos nas festas, vitrinas, lojas, editoriais de moda. Essas relações de consumo nas décadas de 1950 e 1960, em Florianópolis, são analisadas no capítulo 7, o *Ser moderno em Florianópolis: a constituição de uma subjetividade em tempo de moda*. A autora Mara Rúbia discorre sobre a valorização do novo nas sociedades modernas.

Na procura incessante de informações, teorias, conceitos que interpretam, definem e constroem a história catarinense, a obra organizada por Maria Bernardete Ramos Flores, Luciene Lehmkuhl e Vera Collaço contribui por reunir pesquisas com temáticas relevantes, fundamentadas em referencial teórico expressivo. Na sistematização da leitura, não a fiz seguindo a ordem cronológica dos capítulos, pois a obra oportuniza a liberdade de escolha, seja pela significação da temática, do autor, ou de outros aspectos definido pelo leitor ou pesquisador.

¹⁴ Para as obras dos teóricos Theodor Adorno e Walter Benjamin, ver: MACHADO, Aldonei. *Músicas, Shows e Estrelas no dial: a Rádio Guarujá e a chegada da indústria cultural em Florianópolis*. In: FLORES, Maria B. R., LEHMKUHL, Luciene, COLLAÇO, Vera (org.). Op. cit., p. 169.

